

Cliente: Felsberg
Veículo: Veja
Cidade: São Paulo
Data: 20/04/2016



QUEBRADEIRA S.A.

O número de recuperações judiciais explode, e os bancos renegociam as dívidas com os grandes devedores para evitar perdas ainda mais profundas **MARCELO SAKATE E BIANCA ALVARENGA**

SE VOCÊ DEVE 5000 reais ao banco, o problema é seu. Se você deve 500 milhões de reais, o problema é do banco. Trata-se de uma adaptação de uma piada surrada, mas que ilustra bem a situação financeira fragilizada das empresas brasileiras. As pequenas, sem poder de barganha para renegociar, acabam indo à bancarrota caso não consigam quitar as dívidas. As grandes companhias possuem um certo privilégio. São as *too big to fail*,

ou grandes demais para quebrar. Isso porque a sua eventual falência causaria prejuízos ao sistema financeiro difíceis de digerir. Nesses casos, prevalece a negociação. Os bancos concedem prazos adicionais, à espera de dias melhores, finda a crise política.

Banco do Brasil, Itaú Unibanco e Bradesco, os três maiores bancos do país, destinaram um montante total de 69 bilhões de reais para cobrir despesas com calotes, de acordo com um

levantamento da Economatica, empresa especializada na análise de dados. É o maior valor em três décadas, com aumento de 30% em relação a 2014. Nos bastidores, para não causar alarde, o governo tem incentivado os bancos públicos e privados a renegociar as dívidas. O objetivo é evitar uma quebra generalizada, o que aprofundaria a recessão. "O aumento no risco de inadimplência é preocupante e impactou a rentabilidade dos

ODEBRECHT

Dívida:
90

BILHÕES DE REAIS

A maior empreiteira brasileira tenta vender ativos para levantar 12 bilhões de reais. O grupo já demitiu 70 000 pessoas

bancos”, diz Claudio Gallina, diretor para instituições financeiras da Fitch, agência de avaliação de crédito. Ele ressalta, porém, que o sistema bancário tem mostrado prudência: “Desde 2013, os bancos vêm reduzindo o apetite por empréstimos de risco. E diminuindo o volume de crédito”.

O índice de inadimplência corporativa está em trajetória de alta há mais de dois anos e atingiu em fevereiro o nível mais elevado desde 2011. Ainda assim, não reflete com precisão

o volume de companhias que estão com dificuldades para honrar as suas contas em dia. Isso porque há um contingente expressivo de empresas que atrasaram o pagamento mas conseguiram renegociar. A dívida somada de 257 companhias de capital aberto (ou seja, com ações negociadas em bolsa) subiu 31% em apenas um ano, em 2015, e alcançou a cifra de 1,4 trilhão de reais, novamente segundo a Economatica. Há outro dado que dá uma dimensão do aumento do endividamento das empresas brasileiras: é o que mede quanto do patrimônio da companhia está comprometido com dívidas. Esse índice era de 36% em 2007. Estava em 46% em 2010. Chegou a 61% no ano passado.

“Muitas empresas tomaram empréstimos para investir em um momento em que a economia crescia ou em que se prepararam para um cenário positivo que não se concretizou”, analisa Pedro Bianchi, advogado do escritório Felsberg e especialista em

recuperações judiciais. “Outras não esperavam uma deterioração tão acentuada da atividade econômica”, completa. Contrair dívida para investir e obter um retorno financeiro futuro faz parte do mundo dos negócios. Quando o investimento é bem planejado e não há mudanças bruscas no ambiente econômico, ele amplia a receita e os ganhos da empresa: os recursos bancam dividendos para os acionistas e pagam os juros da própria dívida.

OI

Dívida:
55

BILHÕES DE REAIS

A operadora de telefonia registrou um prejuízo de 5,3 bilhões de reais em 2015 e negocia há meses uma saída para a sua dívida





Mas não é o que tem acontecido no Brasil. O chamado retorno sobre o patrimônio é um importante indicador da taxa de rentabilidade. É o número que faz o empresário avaliar se um investimento vale a pena ou não. Em 2010, a taxa de retorno das companhias brasileiras de capital aberto era de 12,3%. No ano passado, havia caído para 5,3%. Para efeito de comparação, a taxa de juros Selic, que serve como referência para o rendimento de muitos títulos públicos, está em 14,25%. Ou seja: é mais rentável e menos arriscado aplicar em papéis do governo.

As dificuldades atingem empresas de todos os tamanhos. Existem 8 milhões de companhias no Brasil, e metade delas está com dívidas em atraso, segundo dados da Serasa Experian, especializada em análise de crédito. A Petrobras acumula uma dívida de quase meio trilhão de reais. A Odebrecht,

GEP

Dívida:

513

MILHÕES DE REAIS

O grupo, dono das marcas Luigi Bertolli, Emme e Cori, foi afetado pela crise e entrou com pedido de recuperação judicial

com débitos estimados em 90 bilhões de reais, pretende levantar 12 bilhões de reais neste ano com a venda de diferentes projetos. Na aviação, a Gol, líder do mercado doméstico, contratou um grupo americano para reestruturar sua dívida, de 9,3 bilhões de reais. A companhia aérea sofreu com a forte valorização do dólar no ano passado, uma vez que mais da metade de seus

custos está atrelada à moeda americana. Neste ano, a ordem é reduzir as rotas em até 18% e devolver aviões que não serão utilizados. O GEP, grupo varejista de moda que é dono de marcas como Luigi Bertolli, Emme e Cori e responde pela operação da americana Gap no Brasil, pediu recuperação judicial em fevereiro. Com uma dívida de 513 milhões de reais, está fechando lojas desde o ano passado para reduzir custos. É uma situação semelhante à da Itapemirim, uma das maiores empresas de transporte rodoviário do país. Ela vendeu 40% da frota de ônibus e repassou mais da metade das linhas para uma concorrente. A lista das vítimas recentes inclui a Bmart, a segunda maior rede de lojas de brinquedos do país. A Barred's, rede de moda feminina, pediu recuperação judicial neste ano depois que o faturamento despencou quase 50% em 2015.